

OS DOSSIÊS DA REF: ALÉM DAS FRONTEIRAS ENTRE ACADEMIA E MILITÂNCIA

SÔNIA WEIDNER MALUF

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo, apresentado originalmente no Encontro da REDEFEM em outubro de 2002, discute os Dossiês publicados desde o surgimento da Revista Estudos Feministas até o presente momento, fazendo um levantamento e uma breve descrição de cada um deles. Os Dossiês constituem uma seção da REF e se dedicam à abertura de um espaço de diálogo entre a produção acadêmica e intelectual e a militância, o ativismo e as políticas feministas. Os textos podem assumir diversos formatos além de artigos ou de ensaios acadêmicos. No final deste artigo, é feita uma breve análise do lugar dos dossiês nas fricções entre academia e militância, buscando ir além das dicotomias entre ação e reflexão ou teoria e prática.

Palavras-chave: publicações feministas, estudos feministas e de gênero, ativismo feminista.

Este artigo, apresentado originalmente no Encontro da Redefem em outubro de 2002, discute a seção de Dossiês da Revista Estudos Feministas, publicada desde o seu surgimento em 1992, fazendo um levantamento e uma breve descrição de cada um dos 24 dossiês publicados até agora. Foram priorizados o enfoque sobre o tema, a forma como o dossiê é apresentado e como se ele insere nas linhas gerais da Revista.

Os Dossiês são uma seção da REF¹ dedicada ao diálogo e às articulações entre a produção acadêmica e intelectual e a militância, o ativismo e as políticas feministas em relação a temas específicos. São publicados tanto artigos e ensaios no estilo acadêmico, trazendo análises e reflexões teóricas quanto outros gêneros textuais, como testemunhos, relatos, entrevistas, entre outros, buscando dar uma panorâmica do tema em questão e defrontando reflexão teórica com práticas, ações e políticas feministas.

Na trajetória da REF, esse diálogo e essas articulações entre a academia e a militância, passaram por diferentes momentos e assumiram diferentes formas. A própria escolha pelo nome *Estudos Feministas* para a revista é um indicativo do desafio que o coletivo de mulheres fundador da revista assumia a partir daquele momento. Certamente o dossiê é a seção mais representativa dessa tensão, é onde esses fluxos e refluxos do diálogo entre ativismo e produção acadêmica apresentam mais visibilidade. Esta questão está presente na revista como um todo e é constitutiva do próprio campo dos estudos feministas, não apenas pelas trajetórias de muitas mulheres, hoje professoras e pesquisadoras, que foram protagonistas dos movimentos e das lutas que antecederam e ajudaram a formar os estudos feministas e de gênero, mas também pelas implicações políticas e epistemológicas da própria existência dos estudos feministas. Mas se por um

lado, a experiência pessoal, subjetiva e política das pesquisadoras marcou e marca os estudos feministas e de gênero, existem diferentes visões sobre os efeitos dessas ligações tanto no campo acadêmico quanto na militância feminista.

No editorial do primeiro número da REF, o nº 0 de 92, o projeto desse diálogo já é explicitado: “A criação da Revista Estudos Feministas, além de servir como canal de expressão dos movimentos sociais de mulheres, pretende, antes de mais nada, difundir o conhecimento de ponta na área dos estudos feministas, ampliando e aprimorando esse campo de estudos, não apenas entre especialistas, mas também entre este e os demais campos de conhecimento”². Percebe-se no editorial um esforço em estabelecer esse vínculo com a conjuntura e o dossiê desse primeiro número já faz referências aos acontecimentos políticos, culturais e sociais, nesse momento a ECO92, que aconteceu no Rio de Janeiro no mesmo ano. O tema desse primeiro dossiê da REF foi “Mulher e Meio Ambiente”. Seu texto de abertura localiza o “imenso fracasso... de um projeto de civilização”³. Já aparece aí a perspectiva de crítica cultural, social e política associada à reflexão intelectual e teórica, que vai caracterizar vários dossiês e vários momentos da REF.

A partir daí, cada número da REF trará essa seção, definida sempre por uma diagramação diferente (texto ocupando a página inteira com notas no rodapé, e não ao lado do texto, como na seção de artigos), por um carimbo ou selo, em marca d’água, no início de cada artigo, com o título do dossiê; e em alguns números, com a apresentação feita no próprio editorial, vários deles dedicados inteiramente ao tema do dossiê.

A partir de um determinado momento o dossiê passou a ocupar um espaço maior da REF – de uma média de 40-50 páginas (com a exceção de quatro números publicados entre 1995 e 1997 todos com uma média de 80 páginas) para 80 a 100 páginas. O dossiê passou a ser também o tema da ilustração das capas. Essas mudanças ocorreram sobretudo, a partir do número 1/2000, com um dossiê de 101 páginas sobre saúde reprodutiva.

Cabe ainda lembrar que o dossiê é um espaço em que a produção da Revista é aberta para a participação de pessoas de fora do seu corpo editorial. Atualmente, pesquisadoras ou ativistas do campo feminista e de gênero podem apresentar suas propostas de Dossiê às editoras da REF, que farão uma avaliação sobre sua adequação, interesse e viabilidade. Depois de aprovada a proposta, cabe à(s) proponente(s) convidar(em) as autoras, selecionar(em) os artigos e editar(em) o Dossiê. Dada a especificidade dessa seção, os artigos são selecionados e avaliados pelas suas organizadoras e pela editoria de Dossiê, dispensando-se a participação de pareceristas ad hoc. A partir do número 02/2002, com a reorganização da gestão da REF, agora compartilhada por um número maior de editoras e implicando uma divisão mais equilibrada do trabalho, foi definida uma editora específica para essa seção. Essa forma de organização e de concepção do dossiê oportuniza uma maior participação tanto das pesquisadoras quanto dos movimentos e do ativismo feministas na confecção da REF e uma articulação com esse campo que vai além das temáticas discutidas.

Este artigo traz uma leitura dos dossiês a partir dessa tensão produtiva entre investigação acadêmica e crítica cultural; entre reflexão e ação política, buscando fazer um levantamento de cada um deles e de sua inserção na Revista e no contexto social do período. Por isso, são analisadas também, a forma como eles são apresentados nos editoriais da Revista e sua articulação com outras seções, como os artigos, as capas, as resenhas. É um primeiro levantamento, feito em ordem cronológica de publicação e buscando trazer um breve comentário sobre cada um deles. Certamente a riqueza desses dossiês, e dos artigos neles publicados, merece um estudo mais aprofundado, que fica para outro momento.

O segundo dossiê, do nº 1/93, foi sobre “Mulher e Violência” tema que ocupou também o editorial, todo ele marcando uma posição política em relação à revisão Constitucional e à revisão do Código Civil, focando nas mudanças que deveriam ser implementadas favoravelmente às mulheres. O dossiê reúne nove artigos em torno do tema, mas ainda não tem uma apresentação própria, sendo introduzido pelo editorial da Revista.

O dossiê do nº 2/93 veicula uma temática que será também abordada em outros quatro dossiês futuros: “Mulher e Direitos Reprodutivos”. Também nesse número, o Editorial é dedicado inteiramente ao tema do dossiê, situando-o no contexto das duas grandes conferências promovidas pela ONU e que estavam ainda em preparação nesse momento: a III Conferência Internacional de População e Desenvolvimento (Cairo – 94) e a Conferência das “duas décadas” do Ano Internacional da Mulher (Beijing – 1995). Esse é um dossiê denso que inclui 9 artigos e 81 páginas. O maior desse período inicial da REF.

O seguinte, nº3/94, traz um dossiê com um artigo, uma entrevista e um debate, os dois últimos traduzidos de publicações estrangeiras, sobre o “Feminismo Hoje”, é um dos dossiês mais curtos da REF, alimentado por duas traduções não inéditas.

No dossiê do nº 2/94, o tema é “Leila Diniz”, organizado a partir de uma proposta de Eli Diniz que também reuniu quase todos os textos publicados no dossiê. Deslocando a temática predominante, ligada às políticas feministas, esse dossiê introduz uma outra faceta do feminismo ainda pouco abordada pela REF: a questão dos valores culturais, estéticos e de comportamento. Até hoje o dossiê Leila Diniz marca uma diferença em relação ao que têm sido os dossiês na trajetória da REF. Essa perspectiva de debater temas de arte, cultura e comportamento e estética só foi retomada em alguns artigos pontuais e na sessão temática sobre Arte do nº 1/2003. Essa ausência se evidencia não só pelos temas dos artigos publicados, mas também pelo formato desses artigos, sendo bastante rara a publicação de textos literários ou poéticos, por exemplo, na Revista.

O primeiro número de 95 inaugura um novo corpo editorial da REF e um novo espaço institucional de edição, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - IFSC/UFRJ. O editorial define o dossiê como “segmento dedicado a um diálogo mais direto com o movimento feminista e de mulheres [...] acolhe enfoques que trazem atualidade, debate e polêmica”⁴. Pela primeira vez aparece uma definição dos dossiês, ligada a uma política editorial que define também que esse diálogo com o movimento acontecerá fundamentalmente através de um determinado segmento da Revista, demonstrando uma intenção de priorizar nas demais seções a publicação de textos de perfil mais acadêmico. O tema desse dossiê é a “4ª Conferência Mundial da Mulher”, no contexto da preparação da participação das feministas brasileiras e latino-americanas nessa Conferência.

O nº 2/95 traz o dossiê mais extenso já publicado até aquele momento pela REF, sobre “Mulheres Negras”, inaugurando uma fase de dois anos de longos dossiês entre 80-100 páginas. Diz o Editorial: “O dossiê Mulheres Negras vem em boa hora preencher uma lacuna na trajetória da REF. Trazendo uma reflexão mais detida e sistemática sobre as relações de gênero e raça em suas articulações de desigualdade e assimetria na sociedade brasileira, esta seção apresenta uma produção majoritariamente de autoria de pesquisadoras negras”⁵. Novamente encontramos no editorial uma definição da seção Dossiê: “coerente com o formato do dossiê, textos mais curtos e de feito a abrir polêmica [...] Essa reflexão ainda é inicial...”⁶. O dossiê é apresentado por Matilde Ribeiro que descreve o projeto inicial, que partiu de mulheres negras que compunham na época o Conselho Consultivo e o Comitê Editorial da REF: “abrir um espaço para autoras negras que estão realizando pesquisas específicas ou formulações teóricas sobre as questões de gênero e raça, racismo, participação política, ou ainda que, como integrantes dos

movimentos negro, feminista e de mulheres negras, academia, instituições públicas, tivessem contribuições a dar para um painel das mulheres negras e suas lutas no país”⁷. Esses dois lados, o acadêmico e o militante, agora aparecem de forma mais evidente como distintos, tanto nos editoriais quanto na apresentação dos dossiês.

O Dossiê do n. 1/96 sobre Ações Afirmativas, organizado por Lena Lavinias⁸, reúne dez artigos que abordam principalmente a questão das cotas, a discriminação racial e aspectos ligados ao trabalho feminino; tem 97 páginas.

Referindo-se à Revista, o editorial do n° 2/96 diz “sua melhor trincheira é a trincheira acadêmica...”⁹, afirmação que pode ter diversas interpretações: a academia como trincheira de luta; o foco no caráter político da reflexão acadêmica, ou a priorização do acadêmico sobre o movimento. O tema do dossiê desse número é “Políticas Públicas e Pobreza”, com a organização de Lena Lavinias, reunindo artigos que buscam discutir a focalização de gênero nas políticas públicas voltadas ao combate à pobreza.

No n° 1/97 o editorial faz um levantamento dos temas dos dossiês publicados nos 11 números da REF e apresenta o dossiê sobre “Gênero e Velhice”, organizado por Alda Britto da Motta. Ao contrário do dossiê anterior, que foi o resultado de uma pesquisa levada conjuntamente, este reúne estudos de pesquisadoras que trabalham com a temática em suas respectivas áreas e instituições. Os artigos incluem dados demográficos sobre os idosos, analisam o discurso governamental e as políticas voltadas aos idosos, estudos etnográficos com grupos específicos e discussões teóricas sobre os conceitos de envelhecimento, memória etc.

O dossiê sobre “Aborto”, do n° 2/97, é situado pelo editorial no contexto da visita do Papa ao Brasil e das pressões no parlamento brasileiro de “grupos fundamentalistas que se opõem à descriminalização do aborto e à regulamentação do direito ao atendimento...”¹⁰. O dossiê é apresentado como uma reatualização do anterior sobre direitos reprodutivos (n°2/93). O editorial também ressalta esses dois lados neste número da REF: os artigos acadêmicos e o dossiê militante. Os artigos do dossiê analisam a vinda do Papa e o discurso da Igreja Católica sobre o aborto, a ação do Estado e o respeito aos direitos individuais, apresentam estatísticas sobre aborto no Brasil, analisam o movimento conservador na área do Direito, a mídia e o aborto e, no final, é publicada a Carta Aberta por Ocasão da Visita do Papa ao Brasil, das Católicas pelo Direito de Decidir. O dossiê foi organizado por Ana Arruda Callado.

O n° 1/98 oferece um dossiê sobre um tema que começava a ganhar importância, as “Novas Tecnologias Reprodutivas” (novamente aí o tema dos direitos reprodutivos). A longa apresentação de Marilena Villela Corrêa situa o debate, os conceitos utilizados e a contribuição feminista. Os outros dois artigos elaboram uma reflexão teórica sobre questões de subjetividade, ética, identidade. O último artigo é uma espécie de manifesto que fala dos desafios do feminismo face ao desenvolvimento técnico-científico¹¹.

O n° 2/98 traz uma temática que ganhou espaço no campo dos estudos de gênero nos últimos anos, a questão da masculinidade¹². A apresentação do dossiê, elaborada pelos organizadores, Maria Luiza Heilborn e Sérgio Carrara, situa a importância crescente do tema nos estudos de gênero e da sexualidade. Os outros três artigos são baseados em enfoques etnográficos sobre sexualidade masculina, reprodução e masculinidade e a experiência de homens numa “área feminina”: a educação.

Os n°s 1 e 2/99 - condensados no mesmo número da Revista, agora com novo corpo editorial, novas editoras e publicada em outra instituição (a Universidade Federal de Santa Catarina), veiculam o dossiê “Mulheres indígenas”, organizado por Bruna Franchetto. Composto por um pequeno número de artigos de etnólogas “cujos trabalhos pudessem compor um quadro representativo do que é hoje a pesquisa etnológica, com

uma experiência real de investigação de campo junto a povos indígenas no âmbito da antropologia feminista e de gênero”¹³. Como no dossiê sobre novas tecnologias, este prioriza um enfoque que combina pesquisa etnográfica e reflexão teórica. Nesse número a ilustração da capa está ligada ao tema do dossiê, o que se tornará mais comum nas próximas edições da REF.

A temática dos direitos reprodutivos retorna no dossiê do nº 1/2000: “Relações de Gênero e Saúde Reprodutiva”, um dossiê longo, de sete artigos e uma apresentação, resultado de uma chamada de artigos para pesquisadoras sobre o tema. Os artigos discutem direitos reprodutivos, aborto, tecnologias reprodutivas e quatro deles são focados nas questões de masculinidade e paternidade. Foi organizado por Luzinete Simões Minella e Maria Juracy Toneli Siqueira.

O nº 2/2000 traz um dossiê também longo, de 101 páginas sobre “Advocacy Feminista”, que de forma geral tem significado a capacidade das feministas em promover ações e articulações para influir nas agendas políticas e nos programas públicos. Ao discutir a apropriação desse neologismo pelas feministas brasileiras e latino-americanas, o dossiê também dialoga com a primeira sessão temática da REF, publicada nesse número, sobre as “viagens das teorias”. O dossiê, organizado por Sonia E. Alvarez, Marlene Libardoni e Vera Soares, procura situar essas apropriações – que vão muito além do lobby feminista sobre gestores e administradores. Reúne sete artigos de pesquisadoras brasileiras e latino-americanas.

O dossiê “Mulheres na política, Mulheres no poder”, do nº 1/2001, publica os resultados de um seminário organizado pelo CFEMEA no Congresso Nacional em maio de 2000. Organizado por Miriam Pillar Grossi e Sonia Malheiros Miguel, ele inclui depoimentos de mulheres políticas, artigos de pesquisadoras e militantes que participaram do seminário e artigos com contribuições teóricas para a discussão sobre mulher e política. Três esferas discursivas se cruzam nesse dossiê, a do testemunho direto das mulheres sobre sua experiência na política, a análise das pesquisadoras e a reflexão teórica.

O tema do dossiê do nº 2/2001 é “Gênero e Educação”, organizado por Guacira Lopes Louro e Dagmar Estermann Meyer, e reunindo artigos de estudiosas do campo em torno da crítica à educação formal, à influência das políticas pós-identitárias na educação, a questão da avaliação escolar, a orientação sexual nos currículos escolares, a mídia e a construção de gênero. O dossiê preenche parcialmente uma lacuna na REF quanto ao tema dos cruzamentos do gênero e da educação, muito pouco abordado até esse momento. Nesse número da REF, que saiu pouco depois dos episódios do 11 de setembro, foi publicada uma seção temática sobre a guerra, com dois artigos traduzidos em torno do tema. O editorial anuncia o próximo dossiê, sobre o tema da discriminação racial, contextualizando-o na Conferência da ONU e nos desdobramentos políticos e sociais dos atentados do 11 de setembro, buscando “uma reflexão crítica sobre o nosso tempo e sobre as possibilidades de libertação de todas e quaisquer formas de opressão”.¹⁴

O nº 1/2002, ano em que a REF completou dez anos, traz um dossiê, organizado por Luiza Bairros, sobre a “III Conferência Mundial sobre o Racismo”, realizada em 2001 em Durban, na África do Sul. É composto por dois artigos de análise teórico-política, dois artigos que analisam a participação da delegação brasileira em Durban e três depoimentos.

O segundo número de 2002 apresenta o dossiê Parto, organizado por Maria Lucia Mott, com um conjunto de pesquisas historiográficas e etnográficas em torno do tema e uma exaustiva e útil bibliografia comentada sobre assistência ao parto no Brasil, cobrindo o período 1972-2002, com 76 textos comentados. Nesse número da REF, o tema do parto extrapola o espaço do dossiê: uma das entrevistas, três resenhas e a capa também focaram

nesse tema. Certamente esse número da REF é uma referência e um instrumento para quem pesquisa e milita em torno do tema. Cabe observar ainda que é o quinto dossiê dentro da temática geral dos direitos reprodutivos.

“Publicações feministas brasileiras: compartilhando experiências” é o título do dossiê do nº 01 de 2003, e condensa os resultados do I Encontro Brasileiro de Publicações Feministas. O dossiê, organizado por Luzinete Simões Minella e Miriam Pillar Grossi, reproduz as conferências e os trabalhos apresentados no Encontro e o relato das experiências de publicação e dos diferentes grupos e mesas de trabalho. Os artigos cobrem um período das relações entre mulheres e publicações que vai do século XIX até o momento presente. A apresentação revela a expectativa de que o dossiê seja “útil para pesquisadoras e militantes, na medida em que proporciona algumas coordenadas que favorecerão a continuidade do debate sobre o significado e sobre o impacto dessas publicações no âmbito da constituição de um campo de conhecimento acadêmico e militante no Brasil”¹⁵.

No número 2 de 2003, o tema do dossiê é “Feminismos e o Fórum Social Mundial”, incluindo artigos que buscam dar um panorama político não só da participação feminista nos diversos encontros do FSM como do ativismo feminista transnacional. Tendo como foco dos diversos artigos a intervenção das feministas nos encontros do Fórum, o dossiê, organizado por Sonia Alvarez, Nalu Faria e Miriam Nobre, traz também uma reflexão sobre as articulações transnacionais do feminismo antes do fórum e contextualiza o feminismo no movimento anti-globalização. Com uma temática flagrantemente ligada ao ativismo feminista, esse dossiê mescla artigos de análise teórico-política com textos de caráter mais programático e propositivos em relação ao movimento e à militância feminista, veiculando diferentes perspectivas e tendências da presença feminista no Fórum.

O último dossiê analisado se intitula “Mulheres agricultoras no sul do Brasil”, e foi organizado por Anita Brumer e Maria Ignez Paulilo, buscando superar a imensa invisibilização desse tema nas publicações feministas. Segundo a apresentação, as agricultoras rurais “formam um dos grupos mais esquecidos pelas políticas públicas”¹⁶. Composto de oito artigos que descrevem e analisam a situação das mulheres agricultoras em relação a jornada de trabalho, trabalho familiar, casamento, gênero e subjetividades no MST, gênero e sindicalismo rural, agricultura orgânica e novas ruralidades, o dossiê traz ainda dois artigos de fundo, um de análise da questão de gênero e políticas rurais no Brasil em geral, focando no acesso das mulheres à propriedade da terra nos assentamentos de reforma agrária e outro buscando resgatar a categoria de “trabalho familiar” a partir de uma crítica à indiferença da teoria marxista em relação às mulheres camponesas.

Esse breve panorama dos 24 dossiês publicados pela REF até hoje mostra diferentes caminhos para realizar o que, em diversos momentos, é apresentado como o projeto fundador da revista: a articulação entre a reflexão intelectual e acadêmica e os movimentos e as lutas feministas e das mulheres. Esses caminhos estão ligados às formas de abordar diferentes questões envolvidas na produção dos dossiês.

Em primeiro lugar, os temas publicados nos dossiês são em geral a) ligados à conjuntura e ao contexto do movimento feminista, como os grandes encontros e conferências nacionais ou internacionais (que inspiraram pelo menos quatro dossiês); ou os debates envolvendo decisões parlamentares ou políticas governamentais; b) decorrentes de áreas de pesquisa que tiveram um grande crescimento no período, sobretudo aquelas que receberam financiamentos sistemáticos pelos órgãos e instituições financiadoras (como a área de saúde e direitos reprodutivos e de masculinidade); c) temas diretamente relacionados à discussão de políticas públicas e às temáticas da participação política, da ação feminista etc; d) temas que aglutinam pesquisas feitas na academia, produzidas por pesquisadoras de diferentes áreas ou de uma mesma área e

que se caracterizam por trazer discussões mais relacionadas à reflexão acadêmica sobre questões contemporâneas do que ao movimento propriamente dito (mulheres indígenas, novas tecnologias, envelhecimento etc); e) arte e cultura (é uma exceção, com um único dossiê: Leila Diniz). Uma observação importante é que nem sempre o que define o quanto um determinado dossiê será um instrumento para a discussão de políticas e ações é a proximidade temática com questões do movimento e da militância. Mesmo dossiês com uma temática cuja abordagem é mais forte na academia podem servir como um instrumento para as políticas feministas.

Outra questão se refere a autoras, autoria e gêneros discursivos: uma das formas de proporcionar esse espaço interseccional entre a academia e o movimento é diversificar o tipo de texto a ser publicado no dossiê assim como as autoras. Ao contrário das outras seções, onde predomina o artigo acadêmico, com espaço também para ensaios e entrevistas, no dossiê cabem formatos menos acadêmicos. Um dos mais usados, além do artigo, é o depoimento ou testemunho – que valoriza menos a reflexão teórica ou a análise e mais o relato e a reflexão sobre a experiência vivida de (por) mulheres de diferentes setores. Outro é o do debate ou mesa-redonda, privilegiando a oralidade e a polêmica. Justamente o dossiê é o espaço em que a militância tem “voz” – mas como não é uma voz exclusiva, é um espaço fundamentalmente polifônico, onde a narrativa acadêmica dialoga, confronta e é confrontada por outras narrativas.

Uma última questão diz respeito aos enfoques: acadêmicos, intelectuais, militantes, críticos, pessoais. Os enfoques possíveis são múltiplos e não necessariamente excludentes entre si, mesmo havendo uma evidente predominância dos textos no estilo de artigo acadêmico. Em alguns momentos acadêmico e militante são tomados como dois caminhos diferentes e complementares, com lógicas distintas. Em outros, busca-se transcender essa dicotomia, predominando uma concepção mais dialógica dessa relação, buscando fundir a reflexão, a crítica, a experiência e a ação. Essas transações entre diferentes campos de discursos e práticas feministas fazem emergir diferentes áreas de fricção: se por um lado fornecem instrumentos para a militância e as políticas públicas, por outro, provocam e contaminam as teorias, não apenas renovando-as, mas gerando, nas brechas dessa fricção, novas teorias e novos conhecimentos; se por um lado contextualizam a experiência e os conhecimentos locais, transcendendo-os, por outro confrontam a teoria e mostram as diferenças no interior da experiência e dos saberes globalizadores¹⁷. Os dossiês da REF evidenciam que, nas tensões entre academia e militância, não se trata de uma dicotomia entre teoria e prática, mas entre diferentes práticas acadêmicas confrontadas a diferentes práticas militantes, e entre diferentes saberes e teorias acadêmicas, confrontados a diferentes teorias e saberes militantes e locais. Um passo importante ainda a ser dado nessa discussão é analisar o quanto às diversas, e por vezes antagônicas teorias feministas na academia, correspondem diferentes teorias “locais” do gênero, contrapondo o senso comum de que só a academia é capaz de produzir teorias, e de que só a militância e a experiência localizada são capazes de gerar ação.¹⁸

Nessa polifonia, às vezes cacofônica, é onde reside a riqueza e permanente renovação do campo dos estudos feministas e de gênero e das inquietações e questionamentos anti-hegemônicos do movimento feminista e de suas lutas. A REF é mais um instrumento tocando nessa banda.

Notas

Copyright © 2004 by Revista Estudos Feministas.

¹ As demais seções são as de Artigos (seção central da revista), Ponto de Vista (veiculando entrevistas com pesquisadoras reconhecidas do campo dos estudos feministas e de gênero); Ensaio; Resenhas; Agenda.

Desde 2000 foi criada a seção Temática (organizada com artigos em torno de temas específicos). A partir de 2004, com a mudança da periodicidade da REF para três números anuais, passam a ser publicados alternadamente em cada número o Dossiê, a seção Temática, e uma nova seção chamada Debates, que tem como

objetivo aprofundar o debate feminista em torno de textos e questões que marcaram a formação deste campo de estudos.

² Lena LAVINAS, 1992, p. 3.

³ Rosiska D. de OLIVEIRA, 1992, p. 131.

⁴ Maria Luiza HEILBORN, 1995, p. 6.

⁵ HEILBORN, 1995, p. 302.

⁶ Idem, ibidem.

⁷ Matilde RIBEIRO, 1995, p. 435.

⁸ A partir desse número, a REF passa a publicar o nome das organizadoras dos dossiês. Até esse momento, as organizadoras não são mencionadas ou são mencionadas apenas no editorial ou na apresentação dos dossiês.

⁹ LAVINAS e Ana Arruda CALLADO, 1996, p. 293.

¹⁰ Leila LINHARES e CALLADO, 1997, p.254.

¹¹ Também nesse número não fica explicitado quem organizou o dossiê.

¹² É interessante observar que esse, juntamente com saúde, direitos reprodutivos e sexualidade, é outro tema que foi objeto de financiamento a partir de concursos e editais específicos a partir do início dos anos 90 no Brasil.

¹³ Bruna FRANCHETTO, 1999, p. 141.

¹⁴ Claudia de Lima COSTA, Luzinete S. MINELLA e Miriam P. GROSSI, 2001, p. 351.

¹⁵ MINELLA e GROSSI, 2003, p. 217.

¹⁶ Anita BRUMER e Maria Ignez PAULILO, 2004, p.171.

¹⁷ Sobre essa questão especificamente em relação às publicações feministas no Brasil, ver COSTA, 2003; Adriana PISCITELLI, Lara BELELI e Maria Margaret LOPES, 2003 entre outras.

¹⁸ Para uma comparação entre publicações acadêmicas e militantes no Brasil como integrantes de um mesmo campo e uma análise da trajetória das tensões entre academia e militância no feminismo brasileiro, ver Sonia MIGUEL, 2003.

Referências

BRUMER, Anita e PAULILO, Maria Ignez. "As agricultoras do sul do Brasil". *Revista Estudos Feministas*, v.12, n.1, p.171-174, jan/abril 2004.

COSTA, Claudia de Lima; MINELLA, Luzinete Simões e GROSSI, Miriam Pillar. "Editorial". *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 349-351, 2001.

COSTA, Claudia de Lima. "As publicações feministas e a política transnacional da tradução: reflexões do campo". *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n.1, p. 254- 264, jan-jun 2003.

FRANCHETTO, Bruna. "Apresentação". *Revista Estudos Feministas*, v. 7, ns. 1 e 2, p. 141-142, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza. "Editorial". *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 1, p.5-6, 1995.

HEILBORN, Maria Luiza e CARRARA, Sérgio. "Em Cena, os Homens..." *Revista Estudos Feministas*, v. 6, n. 2, p. 253-254, 1998.

LAVINAS, Lena. "Editorial". *Revista Estudos Feministas*, n. 0, p. 3-4, 1992.

LAVINAS, Lena e CALLADO, Ana Arruda. "Editorial". *Revista Estudos Feministas*, v. 4, n. 2, p. 293-294, 1996.

LINHARES, Leila e CALLADO, Ana Arruda. "Editorial". *Revista Estudos Feministas*, v. 5, n. 2, p. 253-254, 1997.

MIGUEL, Sônia Malheiros. "Publicando nas ONGs feministas: entre a academia e a militância". *Revista Estudos Feministas*, jun 2003, v.11, n.1, p.271-283, jan-jun 2003.

MINELLA, Luzinete Simões e GROSSI, Miriam Pillar. "Publicações feministas brasileiras: compartilhando experiências". *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n.1, p.217-223, jan-jun 2003.

- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. "Memórias do Planeta Fêmea", *Revista Estudos Feministas*, n. 0, p. 131-142, 1992.
- PISCITELLI, Adriana; BELELI, Iara e LOPES, Maria Margaref. "Cadernos Pagu: contribuindo para a consolidação de um campo de estudos". *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. 1, p.242-246, jan-jun 2003.
- RIBEIRO, Matilde. "Apresentação". *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 434-435, 1995.

Anexo: Dossiês da Revista Estudos Feministas

- Vol. 0/92 – Mulher e Meio Ambiente (esgotado) – 36 p – 4 textos
- Vol. 1 n.º 1/93 – Mulher e Violência (esgotado) – 40 p – 3 textos
- Vol. 1 n.º 2/93 – Mulher e Direitos Reprodutivos (esgotado) – 81 p – 9 textos
- Vol. 2 – 94 – Número especial – Colóquio Brasil, França, Quebec (esgotado)
- Vol. 2 n.º 2/94 – Leila Diniz (esgotado) – 62 p – 9 textos
- Vol. 2 n.º 3/94 – O Feminismo Hoje (esgotado) – 37 p – 3 textos
- Vol. 3 n.º 1/95 – A 4ª Conferência Mundial da Mulher (esgotado) – 52 p – 7 textos
- Vol. 3 n.º 2/95 – Mulheres Negras (esgotado) – 82 p – 12 textos
- Vol. 4 n.º 1/96 – Ações Afirmativas (disponível) – 100 p – 11 textos
- Vol. 4 n.º 2/96 – Políticas Públicas e Pobreza (disponível) – 86 p – 5 textos
- Vol. 5 n.º 1/97 – Gênero e Velhice (disponível) – 88 p – 9 textos
- Vol. 5 n.º 2/97 – Aborto (disponível) – 50 p – 8 textos
- Vol. 6 n.º 1/98 – Novas Tecnologias Reprodutivas (disponível) – 50 p – 4 textos
- Vol. 6 n.º 2/98 – Masculinidade (disponível) – 56 p – 4 textos
- Vol. 7 n.º duplo 99 – Mulheres Indígenas (disponível) – 64 p – 5 textos
- Vol. 8 n.º 1/00 – Relações de Gênero e Saúde Reprodutiva (disponível) – 101 p – 8 textos
- Vol. 8 n.º 2/00 – Advocacy Feminista (disponível) – 101 p – 8 textos
- Vol. 9 n.º 1/01 – Mulheres na Política, Mulheres no Poder (disponível) – 134 p – 9 textos
- Vol. 9 n.º 2/01 – Gênero e Educação (disponível) – 87 p – 6 textos
- Vol. 10 n.º 1/02 – IIIª Conferência Mundial contra o Racismo (disponível) – 67 p – 8 textos
- Vol. 10 n.º 2/02 – Parto (disponível) – 109 p – 9 textos
- Vol. 11 n.º 1/03 – Publicações Feministas Brasileiras: compartilhando experiências (disponível) – 88 p – 13 textos
- Vol. 11 no. 2/03 – Feminismos e Fórum Social Mundial – (disponível) – 127 p - 13 textos
- Vol. 12 no.1/04 - Mulheres Agricultoras no Sul do Brasil – (disponível) – 159 p - 9 textos

REF's Dossiers: Crossing the Border between Research and Politics.

Abstract: *This article analyzes the Dossiers of Revista Estudos Feministas. This section is published since the appearance of the journal on 1992. We describe each one of the 24 dossiers published until now and analyze its main characteristics. The main objective of the Dossiers is to establish a dialogue between the feminist academic discussions and the feminist activism and politics. They are open to different styles of text beyond the academic paper. In the end of the article we analyze the place of the dossiers in the discussions about the tensions between academy and activism, trying to go beyond the dichotomies between action and reflection or between theory and practice.*

Key-words: *feminist publications; feminist and gender studies; feminist activism.*